

Devir-música da escrita: experimentações de linguagem para uma leitura sensível em corpo-educação

Becoming-music in writing: language experimentations for a sensible reading in education-body

ANA LYGIA VIEIRA SCHIL DA VEIGA¹

ROGER VITAL FRANÇA DE ANDRADE²

RESUMO: No tablado do artigo, um *o quê* se apresenta: texto experiência. Um *porquê* se mostra: experimentações de linguagem junto à educação. Um *para quê* se propõe: tecer uma escrita próxima ao corpo sensível. Um *como* se dá: escrever usando letras de música. Um *efeito* se quer: produção de sensações e devires junto à leitura em corpo-educação.

PALAVRAS-CHAVE: Experimentações em linguagens; escrita-música; corpo-leitor.

ABSTRACT: On the platform of this article a *what* shows up: experience-text. A *why* reveals itself: language experimentations within education. A *what for* is proposed: to weave writing near the sensitive body. A *how* takes place: to write using song lyrics. An *effect* is wanted: the production of sensations and becomings close to reading in education-body.

KEYWORDS: Experimentation in languages; music-writing; reader-body.

1. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, e pela Universidade de Lisboa, Portugal. Pesquisadora Associada ao IELT - Instituto de Estudos da Literatura Tradicional da Universidade Nova de Lisboa - Portugal. Pesquisadora da Fapemig. *E-mail:* ninaveiga@ninaveiga.com.br.
2. Professor de Educação Física do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal da Serra/Espírito Santo, atuando na Gerência de Formação. Doutorando em Educação no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/Espírito Santo. *E-mail:* andradefranca@ig.com.br.

*[...] qualquer entrada é boa,
desde que as saídas sejam múltiplas*
GILLES DELEUZE e CLAIRE PARNET

Desta vez foi diferente... corpos chegaram timidamente, desacostumados que estavam aos fazeres de corpo. Falas, murmúrios, os cantos da página preenchidos primeiro. A pista de dança vazia. O som alto convidando a dançar. A leitura de um na escrita de outro. Uma festa? Um baile? Um cantarolar tímido ao percorrer as páginas. Que se dá quando a música invade a escrita convidando a dançar? Escrita sensação? Que se faz quando a leitura conduz seus passos à dança? Leitura sensível? Movimentos de corpo-leitura corpo-escrita. Afetações de papel e som. Sentidos e sentires implicados produzindo devires rentes aos pensares em educação³.

Abra suas asas,
solte suas feras,
caia na gandaia,
entre nessa festa.
E leve com você
seu sonho mais louuco
Eu quero ver seu corpo, lindo, leve e solto.
(AS FRENÉTICAS).

[...] uma escuta da sensação, algo
que se passa entre uma cor, um gosto, um toque,
um odor, um ruído, um peso e implica
em misturas, em zonas de indiscernibilidade, coaguladas,
que passam de uma
ordem à outra numa elasticidade de
forças invisíveis que atravessam os corpos
(DELEUZE, 2007, p. 24).

3. Entre a formatação e o estilo do texto, uma dança se faz: de um lado as letras das músicas a evocar sensações, de outro as citações dos autores a evocar conceitos. Junto deles, o texto em ritornelo, repetindo refrões e envolvendo com sentires e pensares o corpo que dança e lê. O conceito de ritornelo, derivado da música e ampliado por Deleuze e Guattari (2002), é tomado aqui como repetição, uma máquina que gira e repete e faz conectar e modular fragmentos heterogêneos.

Desta vez foi diferente... na penumbra da escrita, sobre o tablado vivo da página, corpos-leitores se movem. Um convite a dançar nos espaços lisos se dá na leitura de um texto-música. Leitura experimentação como modo de “[...] ocupar um espaço aberto com um movimento turbilhonar cujo efeito pode surgir em qualquer ponto” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.25). Efeitos de linguagem rentes ao corpo que dança na leitura. Modos outros de afetação. Produção de sensíveis entre as marcas estriadas do entendimento. Um corpo-escrita estende a mão a convidar um corpo-leitura a dançar.

Te convidei pra dançar
 A tua voz me acalmava
 São dois pra lá, dois pra cá
 Meu coração traiçoeiro
 Batia mais que o bongô
 Tremia mais que as maracas
 Descompassado de amor
 Minha cabeça rodando
 Rodava mais que os casais
 O teu perfume gardênia
 E não me perguntes mais...
 (ELIS REGINA).

Pierre Boulez distingue assim dois
 espaços-tempos da música: no espaço estriado,
 a medida pode ser irregular tanto quanto
 regular, ela é sempre determinável,
 ao passo que, no espaço liso, o corte,
 ou a separação, ‘poderá efetuar-se onde se quiser’
 (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.25).

Desta vez foi diferente... ensaiam-se passos na pista de dança. O que pode uma escrita que intenta festejar um texto com letras de músicas? E se as letras fossem cantaroladas, levando a leitura-entendimento a dançar? Que se dá quando se lê cantando, rodando, dois para lá, dois para cá? E se as problematizações se fizessem em festa? Composição de uma escrita desinvestida de citações imóveis e recuadas.

Uma escrita aquém e além da exposição rígida de conceitos que intentem fixar os corpos e acender a luz do entendimento, dificultando que sensações múltiplas surjam na penumbra do baile. E se um texto-festa se produzisse na intensificação do corpo-leitor dançante que se move entre conceitos, pensares, sentidos, sentires? Uma escrita que convida o leitor a se mover, festar junto, exercitar sentires outros rente à leitura. Uma escrita-música, um leitor-dança. O que isso daria? Daria a pensar? Daria a bailar?

Baila comigo,
como se baila na tribo
Baila comigo,
lá no meu esconderijo...
(RITA LEE).

O dispositivo que provoca uma leitura-ação-procedimento, na invenção de um corpo leitor desejante. Os escritos se multiplicam, tornam possível a construção de uma política de leitura que ultrapassa a busca pelo entendimento, pela compreensão e investe nos modos de subjetivação (VEIGA, 2014, p.383).

Desta vez foi diferente... começa-se a bailar, multiplicidades de vozes, mãos, coxas, dedos, pés, estares, pensares, fazeres, sentires. A escrita-música inventando-se em texto. Corpos inquietos. No coletivo das forças que sempre-somos, a escrita dança e faz dançar. Os corpos espalhados no liso da pista de dança executam passos de escrita e leituras outras. Compositores, autores, cantores, leitores, festeiros. Corpos que inventam uma escrita-dança e se lançam às sensações. Corpos que leem uma escrita-música e escapam. Rotas inesperadas se traçam. Escapes, fugas, derivas. Linhas de escrita que a qualquer momento podem mudar de rota, abrindo-se à invenção. Linhas de fuga abrindo-se ao sensível. Convidando o entendimento a dançar, a sentir. Invenção que produz corpos em devir. Devir-música ampliando gestos, modos, sentidos.

Eu aguento até rigores
 Eu não tenho pena dos traídos
 Eu hospedo infratores e banidos
 Eu respeito conveniências
 Eu não ligo pra conchavos
 Eu suporto aparências
 Eu não gosto de maus tratos
 Mas o que eu não gosto é do bom gosto
 Eu não gosto de bom senso
 Eu não gosto dos bons modos
 Não gosto...
 (ADRIANA CALCANHOTO).

[...] levando minhas mãos a se acariciarem
 uma à outra, percebo que elas, sem que
 meu cógito as comande, se revezam de tal modo
 que a mão que sente é logo a mão sentida e a
 mão sentida é logo a mão que sente, e assim por diante.
 Esse desvio diferencial vivido pelo próprio corpo sensível
 entre sentir e ser sentido instala uma reflexividade,
 um sentido anterior à sua expressa tematização
 pela consciência intelectual. Isso reforça
 em Merleau-Ponty a ideia de percepção como
 ‘o ato que nos faz conhecer existências’, o ato pelo qual tenho
 acesso ao que ele chama de ‘estrutura’, isto é, a ‘região’
 que fica ‘abaixo’ de ‘palavras’ e de ‘ações’,
 região em que ‘elas se preparam, região que
 é o próprio ‘comportamento’, isso que
 ‘exprime uma certa maneira de existir
 antes de significar uma certa maneira de pensar’
 (ORLANDI, 2004, p.06).

Desta vez foi diferente... inventa-se um modo de escrever para que o ler seja afetação. Afetação que se dá no espaço liso da pista de dança. Desinvestimento em modos de escrever que imobilizam a leitura, deixando-a de fora do baile. Um

modo de escrever que convida a leitura a devir e compor múltiplas possibilidades de um pensar outro junto à educação, ampliando a capacidade de invenção do lido que dança. Desinvestimento em fios que levem à certeza do entendimento, que permitam a conquista de uma compreensão amarrada pelo objetivo final. Composição de um labirinto onde o entendimento se perca e possa encontrar a sensação. Enfrentamento de perigos para que o novo possa se dar. Uma Ariadne a abandonar a segurança do fio e expor-se ao movimento dionisíaco da dança. Uma Ariadne a entregar-se ao desconhecido, após seu abandono na ilha de Naxos por aquele a quem entregara o fio da vitória. Uma Ariadne a deixar para trás as certezas, ao dar a mão a Dionísio e se colocar em um movimento afirmativo da existência.

Mesmo quando tudo pede
 Um pouco mais de calma
 Até quando o corpo pede
 Um pouco mais de alma
 A vida não para
 Enquanto o tempo
 Acelera e pede pressa
 Eu me recuso, faço hora
 Vou na valsa
 A vida é tão rara
 (LENINE).

Por que Dioniso tem necessidade de Ariadne, ou de ser amado?
 Ele canta uma canção de solidão, reclama uma noiva.
 É que Dioniso é o deus da afirmação;
 ora, é necessária uma segunda afirmação para que a própria afirmação seja afirmada. É preciso que ela se desdobre para poder redobrar.
 Nietzsche distingue claramente as duas afirmações
 quando diz: ‘Eterna afirmação do ser, eternamente sou tua afirmação.’
 Dioniso é a afirmação do Ser, mas Ariadne é
 a afirmação da afirmação, a segunda afirmação ou o devir-ativo.
 (DELEUZE, 1997, p.118).

Desta vez foi diferente... implicam-se os modos de existir na escrita, na leitura. Implicam-se os modos de existir por estar-se na educação. Na educação, há corpos a tornarem-se. Há corpos que escrevem e leem e tornam-se, produzem modos de existir. Assim, quando músicas se ouvem a escrever e ler e Dionísio dança, há produção de devires abrindo à multiplicidade os corpos. O deus da alegria faz das páginas baile e possibilita um modo de escrever que afirma a multiplicidade. Uma escrita que dança junto, provocando uma mistura nos corpos que intensifica as sensações e coloca a razão a dançar para que ela se afete e se invente. Uma leitura que dá a pensar e a sentir em simultâneo, na produção de um modo de existir que afirme a vida, que se abra à vida. Afirmação dos sentidos junto ao lido, ao escrito para que a razão não seja prisão. Um gesto de afirmação da existência rente à educação. Produção de vida viva. Linguagens que afirmam o corpo todo, implicado a escrita, a leitura. Outro modo de existir educações junto ao corpo todo. Um corpo todo a produzir outros modos de existir conhecimento. Conhecimento que se inventa ao bailar. Modo de existir na escrita e na leitura legitimador dos afetos, dos sentidos, dos sentires. Dionísio a tirar Ariadne para a dança para que ela deixe para trás as certezas e o ressentimento e se abra à vida.

Se você vier pro que der e vier comigo
 Eu lhe prometo o sol... se hoje o sol sair
 ou a chuva... se a chuva cair
 Se você vier até onde a gente chegar
 Numa praça na beira do mar
 Um pedaço de qualquer lugar...
 (GERALDO AVEZEDO).

A tarefa de Dionísio é nos tornar leves,
 nos ensinar a dançar, nos dar o instinto do jogo.
 Dionísio conduz ao céu Ariadne;
 as pedrarias da coroa de Ariadne são estrelas.
 Será esse o segredo de Ariadne?
 A constelação nascerá do famoso lance de dados.
 É Dionísio quem lança os dados.
 É ele quem dança e quem se metamorfoseia,
 que se chama 'Poligeto', o deus das mil alegrias.
 (DELEUZE, 1976, p.15).

Desta vez foi diferente... entrega-se o texto à dança de Dionísio. A dança de Dionísio é a dança da celebração, da afirmação do desejo. A escrita e a leitura como jogo, como arte de experimentar, como baile. A escrita e a leitura em exercício, uma aprendizagem de passos sempre novos, sempre outros. Na vontade de constituição de territórios de pensar sempre novados, plenos de devir, permitindo-se dançar para implicar o corpo na educação. Permitindo-se dançar na tentativa de abrir o pensamento ao novo. Investimento na possibilidade de constituição de um pensar educação rente ao corpo sensível. Produção de um modo de escrever e ler que intensifique um pensamento a um só tempo plural e singular que faz a diferença, criador de si e de mundos próprios pela alegria da afirmação dos afetos ativos.

Deixa eu dançar pro meu corpo ficar odara
 Minha cara minha cuca ficar odara
 Deixa eu cantar que é pro mundo ficar odara
 Pra ficar tudo jóia rara
 Qualquer coisa que se sonhara
 Canto e danço que dará
 (CAETANO VELOSO).

[...] instalar-se sobre um estrato,
 experimentar as oportunidades que ele nos oferece,
 buscar aí um lugar favorável de desterritorialização,
 linhas de fuga possíveis,
 vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos,
 experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidade,
 ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra.
 (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.27).

Desta vez foi diferente... fez-se uma escrita desejo em educação, fazendo fuga em sons, tons e letras. Uma escrita aberta às experimentações, querendo fazer da leitura uma afetação de corpo movente, de corpo dançante. Uma escrita desejante, linguagem experiência, na tentativa de mover os corpos que leem em educações. Modos outros de leitura para instaurar o sensível na educação que se quer ciência. Desinvestimento em educação que se exige estéril, esterilizada e esterilizante. Modos outros de pensar a linguagem na educação para legitimar o corpo sensível

como inseparável da mente. Razão e sensação juntos a bailar em uma escrita e leitura sensível. Para pensar a educação como produção de subjetividade, produção de vida. Educação como tornar-se. Instalação na escrita de devires sonoros que ajudam a dilatar as fronteiras do entendimento e colocam em questão saberes desassociados da sensibilidade.

Se ela dança eu danço
 Se ela dança eu danço
 Se ela dança eu danço
 Falei com DJ
 Pra fazer diferente [...]
 Pra gente dançar.
 (MC LEOZINHO).

Um mundo em criação: uma criação sem criador.
 Um mundo em movimento.
 Forças dançam sua dança caótica e geram formas:
 sempre efêmeras e transitórias.
 Formas e forças: um mundo instituinte...
 [...] Corpo que produz mundo, mundo que produz corpo [...]
 (RIBEIRO, 2011, p.147).

Desta vez foi diferente... Experimenta-se como se torce e se contorce a escrita. Como se contorce, torce e distorce a leitura. Como se escuta música ao ler e se começa a dançar. Dançar para habitar outros territórios. Usar a música, a letra da música para mover o corpo que lê e desacomodar, desterritorializar o entendimento. Produzir sensações junto ao pensamento e devir-música na escrita para dar a pensar. “É mais importante do que o pensamento é ‘aquilo que faz pensar.’” (DELEUZE, 2006, p.29). Pensares outros se dão em uma escrita assim. Pensares que se produzem junto à vida e inventam conhecimento que legitimam a vida. Outras maneiras de ler que se dão na ampliação dos seus efeitos para aquém e além da função do entendimento. Ler e escrever para a constituição de uma educação como modo de existir aberto à vida viva. Modo de existir que implica o corpo e possibilita o afrouxamento dos grilhões imobilizantes da razão.

Por isso eu pergunto a você no mundo
 Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria
 O mundo é uma escola
 A vida é um circo
 (MARISA MONTE).

O pensamento não tem lugar,
 ele deriva de todas as paragens,
 nasce das dobras de qualquer circunstância,
 da invenção de um conceito ou do exercício do próprio pensamento.
 Pensar significa dar funcionamento às coisas, deslocá-las ou
 atravessá-las com significados outros, pensamentos outros.
 (OLIVEIRA, 2007, n.p.).

Desta vez foi diferente... Dá-se passagem aos afetos a cantar. Multiplicam-se as falas a dançar. Instauram-se acontecimentos nos quais o acontecer se dá. Exercita-se para poder perder-se e encontrar-se. Encontrar-se outro, sempre novo novado. Cantam-se conceitos. Dançam-se leituras em ciência educação. Afirmam-se multiplicidades, sensações, abertura aos devires onde o sempre novo se dá. Encontro de corpos, escritas, leituras no baile. Entendimento, razão, conhecimento em festa a dançar com sensações, sentimentos, sensibilidades. Múltiplos corpos espalhados pela pista de dança. Movimento de escrita que vira música, letra de música e coloca a educação a dançar. Educação corpo bailada na escrita, na leitura. Educação corpo em devir-música. Experimentação de linguagem para uma leitura sensível em corpo-educação. Composição de um modo de existir. Modo de existir que afirma a multiplicidade dos sentidos junto à razão e ao entendimento. Afirmção do sensível. Legitimação do corpo na educação.

Se toda coincidência
 Tende a que se entenda
 E toda lenda
 Quer chegar aqui
 A ciência não se aprende
 A ciência apreende
 A ciência em si

Se toda estrela cadente
Cai pra fazer sentido
E todo mito
Quer ter carne aqui
A ciência não se ensina
A ciência insemina
A ciência em si
Se o que se pode ver, ouvir, pegar, medir, pesar
Do avião a jato ao jaboti
Desperta o que ainda não, não se pôde pensar
Do sono eterno ao eterno devir
Como a órbita da terra abraça o vácuo devagar
Para alcançar o que já estava aqui
Se a crença quer se materializar
Tanto quanto a experiência quer se abstrair
A ciência não avança
A ciência alcança
A ciência em si
(GILBERTO GIL).

[...] uma boa maneira de ler hoje em dia, seria tratar um livro como se ouve um disco, como se vê um filme ou uma emissão televisiva, como se recebe uma canção: qualquer tratamento do livro que exija um respeito especial, uma atenção de outro tipo, vem do passado e condena definitivamente o livro. Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens. São intensidades que vos são ou não convenientes, que passam ou não passam. Pop filosofia. Não há nada a compreender, nada a interpretar... (DELEUZE; PARNET, 2004, p.14).

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, G. Dia branco. In: AZEVEDO, G. *A luz do solo*. [S.I.]: PolyGram/Barclay, 1985. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 11.
- BOSCO, J.; BLANC, A. Dois para lá, dois para cá. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. *Minhas histórias*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1994. 1 CD, Faixa 4.
- CALCANHOTO, A. *Senhas*. In: CALCANHOTO, A. [S.I.]: Columbia, 1992. 1 CD, Faixa1.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- _____. *Francis bacon: lógica da sensação*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Zahar, 2007.
- _____. *Proust e os signos*. Tradução de Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 114-121.
- DELEUZE G.; GUATTARI, F. 6. 28 de Novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos? In: DELEUZE G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012. v. 3. p. 11-33.
- _____. 11. 1837 – Acerca do Ritornelo. In: DELEUZE G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2002. v. 4. p. 115-170.
- _____. 12. 1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: DELEUZE G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 5. p. 7-96.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.
- GIL, G. A ciência em si. In: GIL, G. *Quanta*. [S.I.]: Waner, 1997. 2 CD, faixa 1.
- LEE, R.; CARVALHO, R. Baila comigo. Intérprete: Rita Lee. In: LEE, R. *Lança perfume e outras manias*. São Paulo: Waner, 1994. 1 CD, faixa 10.
- LENINE. Paciência. In: LENINE. *Perfil*. [S.I.]: Som Livre, 2009. 1 CD, faixa 2.
- LEOZINHO, Mc. Ela só pensa em beijar. In: LEOZINHO, Mc. *Ela só pensa em beijar*. [S.I.]: Universal, 2006. 1 CD, faixa 2.
- MONTE, M. Gentileza. In: MONTES, M. *Memórias, crônicas e declarações de amor*. [S.I.]: EMI, 2000. 1 CD, faixa 10.
- MOTTA, N.; SABINO, R. Dancing days. Intérprete: As frenéticas. In: FRENÉTICAS. *Para salvar a terra*. [S.I.]: WEA, 1978. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 12.
- OLIVEIRA, N. Uma vida – noutra. *Cronópios*, 2007. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=2821>>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- ORLANDI, L. B. L. Corporeidades em minidesfile. *Unimontes Científica*, v.6, n.1, Jan/Jun. 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/corporeidade_minidesfiles.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2014.

- RIBEIRO, M. Caia na dança. In: CLARETO, S.; ROTONDO, M.; VEIGA, A. (Org.). *Entre composições: formação, corpo e educação*. Juiz de Fora: UFJF, 2011.
- VEIGA, A. L. S. da. Exercícios de esquizoleitura em anti-édipo: experimentações para uma reinvenção de modos de leitura. *Revista Linha Mestra*, ano VIII, n. 24. p. 383- 390, jan./jul. 2014.
- VELOSO, C. Odara. In: VELOSO, C. *20 músicas do século xx*. São Paulo: PolyGram. 1988. 1 CD, faixa11.

Recebido em 30 de agosto de 2014 e aprovado em 06 de outubro de 2014.